

Homenagem a Pere Villalba – Espírito e Humanismo

Discurso proferido na ESDC-Escola Superior de Direito Constitucional, em sessão de homenagem ao Prof. Dr. Pere Villalba, por ocasião de sua conferência: “*Sit ergo antiquorum labor opus nostrum*’- una investigación arqueológica en una tumba de Luxor del siglo VII A.C. - Graffiti escritos en lengua caria”. São Paulo, 28 de maio de 2007.

Jean Lauand
Prof. Titular FEUSP
jeanlaua@usp.br

É com imensa honra e com imensa alegria que recebemos no Brasil, uma vez mais, esta figura extraordinária de intelectual e humanista, o Prof. Pere Villalba, que é também um querido amigo, de uma amizade que está já em seu décimo ano.



Jean Lauand e Pere Villalba

Permitam-me, que, nesta ocasião, ao apresentá-lo, o faça um modo um pouco mais amplo, como uma homenagem, uma vez que o Prof. Villalba está recém-aposentado na Universitat Autònoma de Barcelona - e, também, portanto, mais disponível para “missões” no Brasil.

E a Escola Superior de Direito Constitucional quer expressar sua honra em tê-lo como professor desta casa, todas as vezes que estiver em nosso país.



ESDC – co-editora da RIH



Marcelo Lamy e Luciene Félix, diretores da ESDC.

Todo grande artista tem seu dom especial, seu particular modo de relacionar-se com o mundo que o cerca. Recordo outro querido amigo, o saudoso pintor Fulvio Pennacchi, que via a realidade do ponto de vista cromático, da luz e sombra, como um quadro, enquanto nós outros tínhamos apenas um olhar “normal”... O filme *Amadeus* também tenta mostrar isso, apresentando Mozart a criar uma ópera a partir da furiosa prosódia da senhora que o repreende.

No caso de Pere Villalba não temos propriamente um “ponto de vista”: seu interesse “específico” é tudo, tudo o que é humano. Tomás de Aquino repete, uma e outra vez, aquela sentença aristotélica: “*anima est quodammodo omnia*”, que expressa um dos legados fundamentais do Ocidente: o espírito é abertura para a totalidade do real e a alma espiritual, com suas potências espirituais, é para “*convenire cum omni ente*”, como diz já no começo do *De Veritate*.

A inteligência, a vontade, o amor, não conhecem limites. Se nosso conhecimento sensorial está limitado ao *Umwelt*, ao mundo circundante; o espírito não tem fronteiras. Pere Villalba tem empreendido em sua carreira, em sua vida, esta paixão do espírito que se interessa por tudo o que é humano.

A partir de suas profundas raízes catalãs, Pere se abre ao universal. Seu preparo, sua base, para enfrentar esse desafio é o profundo conhecimento, o profundo saber (nos dois sentidos da palavra: saber e saborear) dos antigos: conhece e saboreia como ninguém os clássicos gregos e romanos e seus continuadores medievais.



Não é o caso aqui (a tarefa seria interminável) de elencar seus títulos - como o de acadêmico da *Real Academia de Buenas Letras de Barcelona* ou o de Doutor *Honoris Causa (Filosofia e storia delle idee)* da Universidade de Palermo – ou seus importantes e eruditos trabalhos como pensador, tradutor e editor, alguns monumentais como os volumes da *Arbor Scientiae* de Ramón Llull para a coleção *Corpus Christianorum*. Extremamente atento à realidade contemporânea, ante cada acontecimento, ante cada incidência, Pere Villalba dialoga, discute, aconselha-se com Cícero, com Xenofonte, com Lúlio, com Cassiodoro...

A referência a Cassiodoro não é casual. Não foi por acaso que - para falar-nos da língua cária e de seu importante trabalho também como arqueólogo - Pere Villalba evocou a sentença das *Institutiones* (XXXVI):

“*Sit ergo antiquorum labor opus nostrum*”: que o nosso empenho seja o trabalho dos antigos.

A grandiosidade da figura de Cassiodoro - injustamente tão pouco lembrada – consiste em dar um passo decisivo para a constituição da Europa e do Ocidente: a fundação do mosteiro de Vivarium, em 555, que transforma os recém-criados mosteiros beneditinos no lugar de preservação dos antigos, no santuário (também no sentido de *sanctuary*, de refúgio) do saber clássico, ameaçado pela barbárie então reinante.

Nos dias de hoje, em que vemos, uma vez mais, o cultivo dos antigos e de seus valores ameaçado pela nova barbárie - da produtividade, da massificação e do lucro - e em que a própria universidade se encontra ameaçada nesse cultivo, o trabalho imponente do Prof. Pere Villalba aparece como uma mensagem de esperança, de que a universidade possa re-encontrar-se em sua vocação originária de *universitas*: de abertura para o todo, o que, como vimos, é também o espírito.

Com esse seu interesse sem fronteiras pelo conhecimento, Pere Villalba tem contribuído muito com o Brasil: devemos à sua generosidade, além das inúmeras conferências e publicações entre nós, a criação da *Revista Internacional d’Humanitats*, por ele fundada em Barcelona, em 1998, em convênio com o Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - CEMOrOc-FEUSP, do qual também o professor é membro fundador.

Para além do incomparável saber e erudição, o professor e querido amigo, Pere Villalba, nos ensina também outra lição: a de humanidade. Esse seu saber dos clássicos, dizia, é também um saborear o todo da realidade, com um olhar de admiração, que, segundo Platão e Aristóteles, é o próprio princípio da sabedoria.

Da outra vez que estive em São Paulo, Pere quis estar com os índios guaranis e estivemos na Aldeia *Tonendé Porã* de Parelheiros.

Impressionou-me a imediata empatia entre o erudito europeu e os índios: era como se se conhecessem há décadas, como o reencontro de velhos amigos: nada do que é humano - a língua, a religião, a arte dos guaranis – lhe era alheio.

Ocorreu mesmo um amor à primeira vista entre Pere e a indiazinha Ará, então com 4 anos, registrado em “Ará – índia guarani”, belíssimo estudo que Pere publicou sobre os guaranis e a cidade de São Paulo (<http://www.hottopos.com/rih7/pere.htm>).



Eju Porã... – Bem-vindo Prof. Pere Villalba
Prof. Marcelo Caray, a índia Ará e Pere na escola da aldeia

Para terminar, recolho um parágrafo dessa reflexão e que, de algum modo, resume, o coração sem limites de Pere Villalba:

“A guerra. A guerra me mata, mata a indiazinha Ará, cada vez que, sob o fogo das armas, tomba um ser. Eu continuava sonhando e em meu sonho eu tinha a certeza de que se eu levasse Ará para a ONU, se eu a mostrasse

aos ‘senhores da guerra’, a meu amigo Bush, se eles vissem Ará, acabariam todas as guerras... Se eu pudesse, eu explicaria para eles que todo ser humano, toda criança é nosso melhor capital.”

A partir de sua profunda erudição, Pere Villalba nos dá a grande lição de humanismo: aquela que o apóstolo Paulo resumia em duas palavras: *sym-pathia* e *syn-khairia*, sofrer com o sofrimento do próximo; alegrar-se com o bem do próximo. Erudição que, no caso, é - além de conhecimento - amor.